



COMBATE AO TRÁFICO DE VIDA SILVESTRE:

Respeitar e proteger



Para lutar contra a caça ilegal de elefantes, a Fundação Big Life posicionou 250 guardas florestais, 21 postos avançados e 14 veículos de patrulha ao longo dos 800 mil hectares do ecossistema Amboseli, no Quênia e na Tanzânia. ©Big Life Foundation

O comércio ilícito de espécies ameaçadas e em perigo é um negócio multibilionário, e a demanda intensa e crescente por produtos derivados de animais terrestres icônicos da África e sul da Ásia – elefantes, rinocerontes e tigres – ameaça a paz e a segurança em ambas as regiões.

A perda da biodiversidade afeta os suprimentos de água doce e a produção de alimentos, e rouba das comunidades locais seus recursos econômicos. Nos países em desenvolvimento, as famílias na zona rural dependem frequentemente de animais silvestres e de plantas locais para suas

necessidades econômicas. Receitas com o turismo, por exemplo, podem ser perdidas se as nações em desenvolvimento não puderem contar com suas espécies únicas para atrair visitantes.

A alta demanda, combinada com difíceis questões de fiscalização, atrai as redes criminosas transnacionais, também envolvidas na lavagem de dinheiro e no tráfico de armas e narcóticos. Os altos preços para produtos provenientes da vida silvestre nutrem a corrupção, ameaçando o Estado de Direito e frustrando o desenvolvimento econômico em países fornecedores.

Os rinocerontes negros estão criticamente ameaçados e a forte demanda por chifres de rinocerontes representam uma ameaça constante às pequenas populações.

©Robert Harding World Imagery/Alamy



Respeitar e proteger

Apesar de ser impossível rastrear com precisão essas populações animais, os abates ilícitos estão atingindo proporções de crise. Existem apenas cerca de 25 mil rinocerontes na Terra, quando haviam 600 mil em meados do século 20. Na África do Sul, onde a maioria dos rinocerontes vive, um é morto a cada 13 horas em função da procura pelos chifres. Existem aproximadamente 600 mil elefantes na África, um terço do número de poucas décadas atrás. Os especialistas estimam que 25 mil elefantes foram mortos em 2011 para retirar seu marfim. (Não há números confiáveis do total de elefantes no sul da Ásia.) Menos tigres estão sendo mortos, ainda assim há uma crise conservacionista. Hoje, aproximadamente 3.200 tigres vivem nas florestas, 3% do número de um século atrás. Os tigres tornaram-se extintos em 11 dos 24 países asiáticos onde prosperavam no passado.

Geralmente, guardas florestais e autoridades de segurança pública locais não são páreo para caçadores ilegais armados com AK-47s e lança-granadas, ou as redes de tráfico que tentam corromper funcionários do governo para facilitar a movimentação das partes dos animais caçados ilegalmente através das fronteiras. As autoridades alertam que, em alguns países, o dinheiro vindo da caça ilegal da vida silvestre financia a compra de armas e munições, exacerbando conflitos regionais.

O tráfico de vida silvestre também representa um risco para a saúde pública. Até 75% das doenças humanas, tais como a Sars, gripe aviária ou o vírus Ebola, podem ter sido causador por agentes infecciosos transmitidos de animais para humanos. O comércio ilícito de animais ou de suas partes contorna os controles de saúde pública e pode por populações humanas em risco de doenças, de acordo com funcionários do Bureau de Oceanos, Meio Ambiente e Ciência do Departamento de Estado.

No início dos anos 1990, o comércio de ossos de tigre em função da procura por remédios tradicionais se tornou uma grande ameaça. ©incamerastock/Alamy



VETERINÁRIO AMERICANO TRABALHA PARA SALVAR OS ELEFANTES DE CAMARÕES

Mike Loomis tem retornado às selvas de Camarões todos os anos, por 15 anos, porque ama os elefantes e

Loomis e equipe colocam uma coleira em um elefante no Parque Nacional de Mt. Cameroon. ©North Carolina Zoological Park



quer salvá-los. “Sou apaixonado pela preservação dos elefantes”, diz o veterinário chefe do Parque Zoológico da Carolina do Norte, “e eu realmente gosto de Camarões e de seu povo. Gosto de trabalhar no campo. É difícil fisicamente, mas vale a pena.”

Como parte de seu trabalho no Parque Zoológico da Carolina do Norte, Loomis, que também leciona medicina zoológica na Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Estadual da Carolina do Norte, desenvolveu e agora coordena um projeto de preservação dos elefantes em Camarões.

Estima-se que ainda existam de 1 mil a 5 mil elefantes africanos em Camarões. Populações foram decimadas por caçadores ilegais que buscam presas de marfim e por populações humanas invadindo o habitat dos elefantes. Para salvar os elefantes, Loomis e uma equipe que inclui funcionários e especialistas em vida silvestre camaroneses, passam dois meses por ano rastreando e colocando coleiras nos elefantes.

“Entendendo os padrões de movimentação dos elefantes, teremos uma ideia de quando eles deixam áreas protegidas e para onde eles vão quando deixam as áreas protegidas”, disse Loomis.

“Simplesmente diga não”

As autoridades apontam a forte demanda por produtos específicos provenientes da vida silvestre como o principal catalisador do tráfico, assim, muitos esforços para parar o tráfico incluem campanhas dirigidas aos consumidores.

Por exemplo, com financiamento da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, a Fundação Freeland faz campanhas de conscientização usando vídeos, pôsteres, outdoors, websites e uma unidade de educação móvel em partes do mundo onde é alta a demanda por produtos provenientes de espécies ameaçadas.

Incentivos econômicos, práticas culturais ou religiosas e a simples falta de conscientização do consumidor contribuem para a demanda. Reverter práticas tradicionais e resistir a pressões sociais é difícil, mas as consequências em longo prazo de fracassar nisso podem ser devastadoras.

O marfim é apreciado para o uso em joias, ornamentos e esculturas religiosas e é considerado um item de luxo. Uma onda de abates de rinocerontes foi parcialmente atribuída a alegações infundadas de que seu chifre pode curar o câncer, ressacas e impotência, entre outros males. Tigres são caçados por itens decorativos como tapetes ou enfeites de parede, como souvenirs e curiosidades, e para remédios tradicionais.

O fluxo de marfim da África para a Ásia Oriental é estimado em 72 toneladas por ano, no valor de US\$ 62 milhões, e equivale a 7 mil elefantes. O preço do pó de chifre de rinoceronte atingiu de US\$ 20 mil a US\$ 30 mil por quilo e as peles eram vendidas no varejo por até US\$ 20 mil em 2009.

Redes do crime organizado são atraídas pelo tráfico de vida silvestre pela alta lucratividade e baixo risco de punição. Na gestão internacional de transporte, os



É difícil calcular o número exato, mas as autoridades estimam que a quantidade de marfim confiscada em 2011 foi de aproximadamente 24 toneladas. ©Stockbyte/Thinkstock

criminosos não hesitam em usar a violência ou ameaças de violência contra aqueles que possam ficar no seu caminho. Apesar de esforços internacionais coordenados para parar o tráfico de vida silvestre, a ameaça continua porque a demanda é alta e é possível ganhar muito dinheiro.

O que está sendo feito para parar o tráfico de vida silvestre?

Muitos governos, órgãos intergovernamentais, organizações de segurança pública e grupos conservacionistas não governamentais estão trabalhando para acabar com o tráfico de vida silvestre. Mais de 170 nações aderiram à Convenção sobre Comércio Internacional das Espécies da Flora e Fauna Selvagens em Perigo de Extinção (Cites), que estabelece normas visando assegurar que o comércio internacional de vida silvestre não ameace a sobrevivência de nenhuma espécie de fauna ou flora silvestre. Em 1973, os Estados Unidos estavam entre os 21 signatários originais.

Dos menos de 5 mil rinocerontes negros que restam na África, um tipo, o rinoceronte negro da África Ocidental, foi declarado extinto em 2011. ©Images of Africa Photobank/Alamy





As reservas do tigre da Índia ajudaram a estabilizar os números, mas a caça ilegal nos últimos anos colocam em risco o tigre de Bengala. ©blickwinkel/Alamy

Em 2005, o Departamento de Estado dos EUA criou a Coalizão contra o Tráfico de Vida Silvestre para coordenar os esforços contra o tráfico entre os EUA e agências governamentais estrangeiras, organizações internacionais, organizações não governamentais (ONGs) e o setor privado. A estratégia tem quatro objetivos principais:

- Melhorar a capacidade de fiscalização;
- Reduzir a demanda do consumidor;
- Implantar punições mais severas para crimes contra a vida silvestre; e
- Catalisar a vontade política entre os países fornecedores e consumidores.

Um dos focos principais envolve a criação de um sistema global de redes regionais de fiscalização da vida silvestre, inclusive a Rede de Fiscalização da Vida Silvestre da Associação das Nações do Sudeste Asiático na Tailândia e a Rede de Fiscalização da Vida Silvestre do Sul da Ásia, no Nepal. Em abril de 2012, diversos países centro-africanos concordaram em estabelecer uma rede de fiscalização da vida silvestre.

As redes trabalham intimamente ligadas a organizações de segurança pública por meio do Consórcio Internacional de Combate a Crimes contra a Vida Silvestre e com grandes organizações conservacionistas, inclusive a União

Internacional para a Conservação da Natureza, Conservação da Vida Selvagem, Fundo Mundial para a Natureza, Traffic Internacional, Fundo Internacional para o Bem-Estar Animal, Conservação Internacional, Fundação da Vida Selvagem Africana, WildAid e Fundação Freeland.

Apesar de governos e ONGs enfrentarem questões políticas, econômicas e conservacionistas, eles concordam que a forma mais eficiente para reduzir o tráfico de vida silvestre e seus devastadores efeitos é cortar a demanda dos consumidores por produtos derivados da escarça vida silvestre.